

## **Pragmatismo gerencial e precarização do trabalho docente no Estado do Paraná**

Geraldo Balduino Horn e  
Alexsander Machado

A partir do estudo da dinâmica do Estado neoliberal, Wacquant - reconhecidamente um importante sociólogo francês - logo compreendeu que o neoliberalismo havia encontrado na própria estrutura democrática do Estado os dispositivos jurídicos e penais necessários para afastar o Estado de qualquer interferência popular, principalmente no que se refere à concessão e reconhecimento de direitos. Ao mesmo tempo em que uma parcela considerável do Estado se afastava de sua forma democrática, outra parcela assumia a ossatura jurídica e penal punitiva garantidora da ordem social tão necessária ao bom funcionamento da livre iniciativa. Nas palavras de Wacquant o punho de ferro do Estado penal havia se unido à mão invisível do mercado.

No Estado do Paraná, a mão invisível do mercado, personificada na figura do Secretário de Educação, Renato Feder, tem arregaçado as mangas para impor democraticamente uma espécie de manual ilustrado da gestão eficaz. Isso fica cada vez mais visível com a intencionalidade subjacente às políticas educacionais e à fórmula de gestão da SEED. Trata-se da execução de um projeto pedagógico exacerbadamente técnico, voltado à execução de tarefas e ao cumprimento de metas, transformando o ensino-aprendizado em um fazer mecânico – um “ativismo” pedagógico exercido por meio de um rígido controle gerencial. Haja vista, por exemplo, o que ocorre com as coordenações de áreas do conhecimento da SEED e com as equipes gestoras das escolas que cumprem, por determinação institucional e legal, funções de gerenciamento técnico-administrativo como se cada escola fosse uma empresa. Limitam sua atuação, com raras exceções, a verificar os resultados do processo educacional que são mensurados por meio dos índices de avaliação interna e externa, de aprovação, reprovação e evasão escolar dos alunos.

Há, porém, outro aspecto que chama a nossa atenção. A história recente dos governos paranaenses de Beto Richa (PSDB) e do atual de Ratinho Júnior (PSD) é marcada pela truculência. Basta ver o que ocorreu a partir de 2015: repressão, uso da violência contra os servidores públicos, perseguição política de professores (as) e de dirigentes sindicais. Naquele momento, a Assembleia Legislativa do Paraná aprovou, em tempo recorde, várias medidas antissociais de espoliação dos fundos previdenciários dos (as) servidores (as). Esse episódio é

lembrado como o tratoração. Similarmente, o atual governo Ratinho Júnior promoveu o seu próprio tratoração quando conseguiu aprovar a militarização das escolas públicas. Tanto o tratoração de Beto Richa, quanto o “elenfantaço” de Ratinho Júnior são demonstrações do aparato repressivo do Estado, ou seja, daquilo que Wacquant chamou de punhos de aço.

Ademais, as escolas cívico-militares serão levadas a uma prática de vigilância e controle burocrático em relação à atuação pedagógica dos profissionais da educação. Fato é que a gestão democrático-participativa cedeu lugar às práticas de gerenciamento dos institutos e fundações empresariais que prestam serviços de assessoria para elaboração dos chamados roteiros de tutoria pedagógica, amplamente difundidas e em processo de implementação em larga escala em toda rede de ensino do estado do Paraná.

Mas os retrocessos não terminam aqui. A missão de Renato Feder frente à Secretaria de Educação, conforme o site da Secretaria, consiste em “adequar a oferta à demanda por escolaridade básica”. Pelo que temos visto, quando se trata de fechar turmas e até mesmo escolas inteiras, Renato Feder como bom gestor bate as suas próprias metas. Essa medida tem um grande impacto na contratação de professores. A estimativa que vem sendo feita pela APP Sindicato é que essas medidas podem desempregar mais de 30.000 professores/as no próximo ano.

A edição d'O Sísifo de novembro procura realizar uma análise da atual precarização do mundo do trabalho, especialmente, na área da educação. Nesse sentido, a primeira matéria, de Regis Clemente da Costa - a partir do filme *Você não estava aqui* (de Ken Loach) -, problematiza a *uberização* do trabalho: a precarização das condições de trabalho, a exploração do trabalhador, o uso das tecnologias no controle da vida do trabalhador e das suas relações de trabalho, o processo de desumanização do ser humano e o empreendedorismo. Já Sabrina Tkaczyk na segunda matéria apresenta um relato das precárias condições contratuais e de trabalho dos professores/as PSS (Processo Seletivo Simplificado). Mostra que se trata de profissionais formados (licenciados, especialistas, mestres e doutores) e que a grade maioria possui vasta experiência profissional acumulada. Por fim, Marcelo Marcelino problematiza a crise estrutural do capitalismo no contexto do hibridismo pandêmico. Aponta para a resposta voraz que o sistema complexo ultraliberal dá na forma de superexploração da mais- valia.

## ***Você não estava aqui: a 'uberização' do trabalho e a mercantilização da vida***

*Por Regis Clemente da Costa*

No último dia 06 de novembro de 2020, no Seminário de Educação Filosófica, os integrantes do NESEF debateram o filme *Você não estava aqui*. Lançado em 2020, sob direção de Ken Loach, o filme problematiza a precarização das condições de trabalho, a exploração do trabalhador, o uso das tecnologias no controle da vida e das relações de trabalho. Além disso, o filme demonstra o processo de desumanização causado pelo empreendedorismo, pelo trabalho autônomo e pela *uberização*.

Para analisarmos e discutirmos o filme, nós nos embasamos no filósofo e sociólogo Karl Marx (1818-1883), que, dentre outras questões, aponta a necessidade de ser radical, ou seja, atacar o problema em suas raízes. Marx, em seus estudos e formulações teórico/práticas, destaca que o trabalho é exclusivamente humano e é o intercâmbio do homem/mulher com a natureza. O homem/mulher muda, transforma o mundo e ao mesmo tempo se transforma, se cria e se recria nesse processo.

Em suas abordagens, sobre o modo de produção capitalista, Marx reforça que o trabalhador torna-se uma mercadoria mais barata à medida que cria mais mercadorias. E ainda, nesse contexto, afirma que a desvalorização do mundo humano aumenta à medida que aumenta o valor do mundo dos objetos. Nesse sentido, o trabalho não cria apenas objetos. Ele produz o trabalhador e a si mesmo como uma mercadoria.

O filme *Você não estava aqui* retrata essa relação de exploração do trabalho e dos trabalhadores. O filme expõe os limites físicos, psíquicos, econômicos e sociais, assim como as condições a que o trabalhador é submetido para tentar garantir a sua sobrevivência e subsistência. Nesse contexto, o trabalhador autônomo atua como patrão de si mesmo. Isso inclui contrair dívidas como resultado da compra das próprias ferramentas necessárias para a realização de seu trabalho. Para saldar essas dívidas, o trabalhador se submete a um ritmo de trabalho exaustivo. O dinheiro que recebe é oriundo da exaustão a que esse trabalhador precisa se submeter, dos esforços sub-humanos e do tempo destinado ao cumprimento de metas.

O filme também retrata as relações sociais impostas pelo sistema capitalista àqueles que não estão mais em idade produtiva e de quem não se pode mais extrair a mais-valia, devido à idade avançada. Segundo a lógica do mercado, essas pessoas são descartáveis e descartadas. Além de expor o abandono familiar, o filme mostra as exaustivas jornadas de uma trabalhadora que transformou os cuidados dessas pessoas em uma fonte de renda.

Outro fator importante evidenciado pelo filme é em relação ao uso das tecnologias pelo sistema capitalista visando ampliar a exploração, o lucro, controle sobre a vida e sobre as relações sociais dos trabalhadores. O avanço tecnológico que deveria ser usado para a diminuição da exploração e das exaustivas jornadas de trabalho é usado, unicamente, para controlar o trabalhador e para ampliar as taxas de lucro do Capital.

O que é prometido ao trabalhador como uma via de mão dupla, ou seja, trabalhar mais e ganhar mais é, de fato, mão única, pois, ele trabalha mais é mais explorado e ganha menos. Preso às dívidas, não consegue se desvencilhar desse processo perverso. Os lucros prometidos se efetivam, mas não para o trabalhador que executa as tarefas e sim, para aquele que explora seu tempo, suas forças e sua vida.

A desumanização retratada no filme, e presente no sistema capitalista, não se restringe ao trabalhador, isoladamente, mas a toda a sua rede de relações, mais diretamente às relações familiares. Assim como apontado por Marx, o trabalho não cria somente objetos, mas faz com que o trabalhador também se transforme em uma mercadoria.

No entanto, há no filme alguns sinais de tomada de consciência e de resistência, principalmente com a mãe, a filha e o filho. É possível notar que a mãe compreende que sua exaustão é resultado dos vários atendimentos prestados aos idosos. Ela sente a dor do abandono, da desumanização das pessoas descartadas pela sociedade, pelo mercado e por seus familiares. A filha, ao questionar as posturas de seu pai, acaba por questionar o próprio processo em que as novas tecnologias foram pensadas e produzidas. Questiona não só o processo, mas os sujeitos que pensaram e produziram essas tecnologias. Por fim, o filho que, além de manifestar a compreensão dos fatos, passa a agir para denunciá-los publicamente na tentativa de mudá-los.

*Você não estava aqui* traz importantes discussões para as aulas de filosofia, principalmente sobre filosofia contemporânea, sobre as ciências e as técnicas, sobre a história e o progresso, a maioria da razão, pós-modernidade, hiperconsumo, filosofia política, trabalho, consumo, lazer, alienação social, modos de produção, ideologia, pan-óptico e a sociedade do controle.

O filme suscita ainda questões atuais referentes ao neoliberalismo e aos avanços da flexibilização e da desregulamentação das leis trabalhistas, seu caráter antissocial, antipovo, militarização da sociedade, bem como abre espaço para o debate sobre as possibilidades e a necessidade da resistência, da luta e da transformação social. É uma provocação e um chamado à superação da sociedade burguesa, do modo de produção capitalista e da exploração do homem pelo próprio homem, ou seja, um chamado para a construção da emancipação humana.

## ***Dia 19 de novembro, temos fome de quê?***

*Por Sabrina Tkaczyk*

Caros leitores. Na tarde fria e chuvosa do último dia 19 de novembro, setenta e cinco trabalhadores ocuparam a Assembleia Legislativa do Estado do Paraná, dentre eles dirigentes sindicais, muitas professoras e professores, mães, avós, trabalhadoras e trabalhadores. Algumas professoras quase se aposentando, com mais de vinte anos de profissão. Esses profissionais contratados em regime especial- os PSS's com histórias de vida e uma sigla cheia de subjetividades. A subjetividade da insegurança, do salário congelado, da falta de plano de saúde, da falta de plano de carreira, da falta de estabilidade e da falta de respeito. Uma sigla pesada para carregar, principalmente, quando o Estado é quem nos ameaça constantemente com a terceirização por meio da voz mercantil de um secretário alheio às reais necessidades da Educação Pública. Esse secretário diz para sociedade que somos incapazes, que temos baixo intelecto, baixa formação e baixo desempenho. Somamos, hoje, no Estado do Paraná quase trinta mil profissionais, mas já fomos mais de trinta e seis mil, e nessa nova ordem de prova classificatória, com um edital (47) que prevê apenas quatro mil vagas, seremos descartados. Professores que trabalham há dez, quinze, vinte anos nesse regime precário de contratação, sem qualquer seguridade trabalhista, estão assombrados com o fantasma do desemprego.

Qual será o nosso futuro? Como ele será? Não sabemos ao certo como denominá-lo. Será que nesse futuro nós conseguiremos pagar as parcelas de uma casa, pagar um aluguel eterno de uma moradia de sessenta metros quadrados, as parcelas de um carro popular para poder se deslocar para o trabalho. De repente, o futuro singelo de poder dar qualidade de vida para os nossos familiares, de poder fazer uma compra mais “variada” no supermercado. Pensar o futuro que não fosse marcado por um estado de medo e ansiedade, constantes. Todos os anos, temos surpresas desagradáveis em nossa profissão, com contratações encerradas ao término do ano, ou a alegria passageira, quando esse contrato pode ser prorrogado por mais um ano. As inseguranças do ano seguinte (o futuro): Teremos aulas? Quantas turmas foram fechadas? O Ensino Médio Noturno fechou? Em quantas escolas iremos trabalhar? Em quantos turnos iremos trabalhar? Em quais Municípios? O futuro é um tempo de sonhos e de projeções, mas para nós temporários parece um tempo muito distante. A cada ação uma nova retirada de direitos e de esperanças. Ataques constantes à educação pública, ataques aos professores, ataques aos direitos fundamentais de trabalho e de vida.

Por trás da sigla (PSS) há um modelo de contratação que fere a nossa condição e nossa capacidade de organização, que fere a perspectiva de futuro, impossibilita a solidariedade e a empatia, não só daqueles que estão no limbo com poucos direitos assegurados, mas também dos

professores efetivos que ainda possuem algum direito. Acabamos endossando um grupo barateado na Educação Pública. Somos mão de obra barata para o Estado. A exceção, tornou-se regra. Não estamos suprimindo apenas as vagas de licenças e afastamentos. Suprimos vagas reais que deveriam ser preenchidas por um concurso público.

Somos profissionais contratados pelo Processo Seletivo Simplificado, licenciados, especialistas, mestres e doutores. Possuímos experiência e qualificação. A discussão em pauta é por direitos, principalmente, o direito ao trabalho, à dignidade e à vida.

Chegamos ao ápice de “não” termos fome, nos limites de tentar salvaguardar algum direito, dentro de toda essa situação precária e de barbárie. Quarenta e sete professores e professoras, entre eles integrantes da direção sindical, entraram em greve de fome. Literalmente em greve de fome. Com isso, tentam desesperadamente barrar um Estado autoritário e um secretário de educação empresário, pois para ambos as condições de trabalho, a dignidade e a vida dos trabalhadores pouco importam. Estamos na esfera de perder o mínimo que possuímos.

Este governo não é sensível às causas trabalhistas, tampouco aos trabalhadores. Ele vem tentando implementar, com o apoio alinhado com políticas de âmbito nacional, a precarização e a terceirização dos servidores estaduais. O discurso do “estrangeiro” secretário de educação, Renato Feder, está pautado por uma série de demagogias e números (tal qual o empresário) que não mostram a realidade das nossas escolas, por exemplo, o nosso índice do IDEB e o sucesso do Ensino a Distância, mostram uma imagem distorcida que esconde principalmente a questão da evasão escolar. O Secretário de educação mostra um discurso bonito e muito polido de preocupação com a formação dos nossos professores e professoras. Entretanto, na prática faz o contrário ao promover a precariedade das relações de trabalho. Como pensar em melhorar a educação básica se inexistente a valorização do professor?

Temos fome de quê?

Além de uma sigla vil (PSS), a nossa categoria formada por professores temporários têm fome, mas muita fome de respeito, de concurso público, de dignidade e de estabilidade. Tem fome de vida, de sobrevivência, tem fome de luta, tem fome de direitos, tem fome de ensinar para não morrer.

Você, trabalhador, tem fome de quê?

## ***A crise estrutural do capitalismo: a resposta voraz do sistema complexo ultraliberal na forma de superexploração da mais valia em tempos de hibridismo pandêmico***

Por Marcelo Marcelino

A pandemia do Covid 19 legitimou a entrega da chave do cofre do orçamento público para os banqueiros e rentistas que orbitam em torno das megacorporações transnacionais. A raiz de toda a política econômica brasileira encontra-se engendrada na grande articulação do sistema imperialista mundial capitaneado pelos EUA e seus consortes, onde o mercado financeiro tornou-se uma engrenagem paradoxalmente “autônoma” explicitando e precipitando de forma ainda mais reacionária a fúria da acumulação e reprodução do capital.

As disputas geopolíticas estratégicas com o consórcio sino-russo acirram ainda mais os conflitos e polarizam ainda mais a crise estrutural do capital, que na equação do sistema mundo da economia política avança tecnologicamente e ao mesmo tempo acelera a crise estrutural do sistema – comprovando a tese marxiana de que a contradição do modo de produção reside na sua gênese produtora e destruidora da potência econômica. O capital portador de juros e o capital fictício do livro III do Capital de Marx explicam de forma clara como o processo de financeirização aliado ao aparato tecnológico impulsionou e acelerou a acumulação, reprodução e ampliação do capital a ponto de 1% da população mundial concentrar 50% de toda a renda mundial.

As grandes corporações transnacionais e mesmo as organizações empresariais domésticas com suas elites políticas e jurídicas da classe dominante no interior dos países periféricos e subservientes ao imperialismo orbitam cada vez mais na estrutura esférica do processo de concentração do capital, onde a generalização da superexploração do trabalho conduz a inclusão num sistema cada vez mais excludente – gerando um exército de reservas na forma de lumpesinato, desempregados. Informalizados, desalentados e precarizados de todo o gênero não só na periferia como cada vez mais no centro do capitalismo.

A teoria da dependência na abordagem de Rui Mauro Marini num dos clássicos da denominada “Revolução Brasileira” a partir da coleção “Cadernos do Povo Brasileiro” explica que o centro do capitalismo explora a periferia a partir da mais valia ‘extraordinária’ - através de baixíssimas remunerações salariais, precarização do trabalho e formas tecnológicas híbridas que combinam o “ideal dos mundos do capitalismo” – o trabalho por tempo e por peça assim como na “uberização” e no trabalho intermitente e nos ganhos somente por produtividade como também abordado por Marx no capítulo XVII do Capital.

A educação do Paraná sofre exatamente desses males que combinam sistema remoto híbrido no ensino à distância – plataformas EaD, controle e vigilância permanente no trabalho, uniformização das atividades “pedagógicas” e contratos precários de trabalho para os profissionais contratados sem concurso público e desmanche da carreira dos já concursados. A tendência destrutiva do capitalismo bate a porta dos países desenvolvidos através das reformas previdenciárias e da gradual perda da seguridade social como forma de realocar os orçamentos públicos no mercado financeiro e nos investimentos privados, além das terceirizações e subcontratações típicas da denominada “Era da Indústria 4.0” com sua ideologia do “patrão sou eu mesmo” como no assombroso e realístico filme britânico “Você não estava aqui”, onde o capital aparece nas mais variadas formas, inclusive nos aspectos subjetivos da vida psicossocial.



Acaba de ser lançado o V.9, N.2 da Revista do NESEF com o tema “NADA SERÁ COMO ANTES”. Um conjunto de artigos que analisam o fenômeno do Covid-19 no contexto da conjuntura atual a partir de diferentes perspectivas filosóficas. Uma edição muito especial porque conta com a contribuição de expressivos e renomados nomes da Filosofia nacional e internacional. Entre eles destacamos a participação de MICHAEL LÖWY que concedeu uma entrevista com título “A negação bolsonarista sobre o Covid é uma nova forma de autoritarismo homicida” e PAULO ARANTES que concedeu uma longa conversa transformada em Podcast e num relato escrito intitulado “O mundo suspenso entre duas batidas de um relógio”. Confira!

Participe do Jornal  
ENVIE SEU ARTIGO PARA  
[jornalsisifo@gmail.com](mailto:jornalsisifo@gmail.com)

Editores: Geraldo Balduino Horn e Alexander Machado